

# AS ROCHAS DECORADAS DA ALAGOA

## Tondela-Viseu

Mário Varela Gomes  
e J. Pinho Monteiro

### 1. INTRODUÇÃO

No âmbito de um projecto de investigação que visava o reconhecimento do estado de conservação e o estudo dos principais locais de arte rupestre do nosso país, os autores encontravam-se, em Novembro de 1974, no concelho de Tondela onde procediam ao exame das estações publicadas por Amorim Girão em 1925 e iniciavam o levantamento sistemático das rochas decoradas de Molelinhos, identificadas por Almiro do Vale em 1932. Procurando junto da população local informações sobre o ambiente arqueológico que enquadra esta última estação, foram conduzidos pelo Sr. António Marques, residente na Cortiçada, em 3 do mesmo mês, às «pegadas da Nossa Senhora», nome pelo qual são conhecidas pelas gentes das freguesias de Castelões e de Barreiro de Besteiros as gravuras que decoram as rochas do local da Alagoa.

Os trabalhos de levantamento desta nova estação iniciaram-se em Abril de 1975, graças a um subsídio da Junta Distrital de Viseu. A iconografia das quatro rochas estudadas durante as duas primeiras campanhas foi escolhida como amostragem significativa, dos pontos de vista quantitativo e qualitativo, para base de um estudo preliminar que permitisse enunciar a problemática da estação<sup>1</sup>.

### 2. LOCALIZAÇÃO (figs. 1 e 2; Est. I)

Andados cerca de 300 metros pelo caminho vicinal que, partindo do km 56 da Estrada Nacional N.º 228 (Campo de Besteiros-Mortágua) segue para a povoação da Tojosa e passada uma várzea situada numa baixa alagadiça que dá o nome ao local, surgem-nos à esquerda, entre uma mata de pinheiros que sobe densa e suavemente

---

<sup>1</sup> Não queremos deixar aqui de exprimir o nosso reconhecimento ao Dr. António Manuel P. Matoso Martinho, que tudo fez para nos facilitar os trabalhos, ao Sr. Delfim Augusto e Esposa, proprietários do terreno, pelas amabilidades com que nos rodearam, e a Rosa Maria Gonçalves e Isabel Mendes pela colaboração prestada.

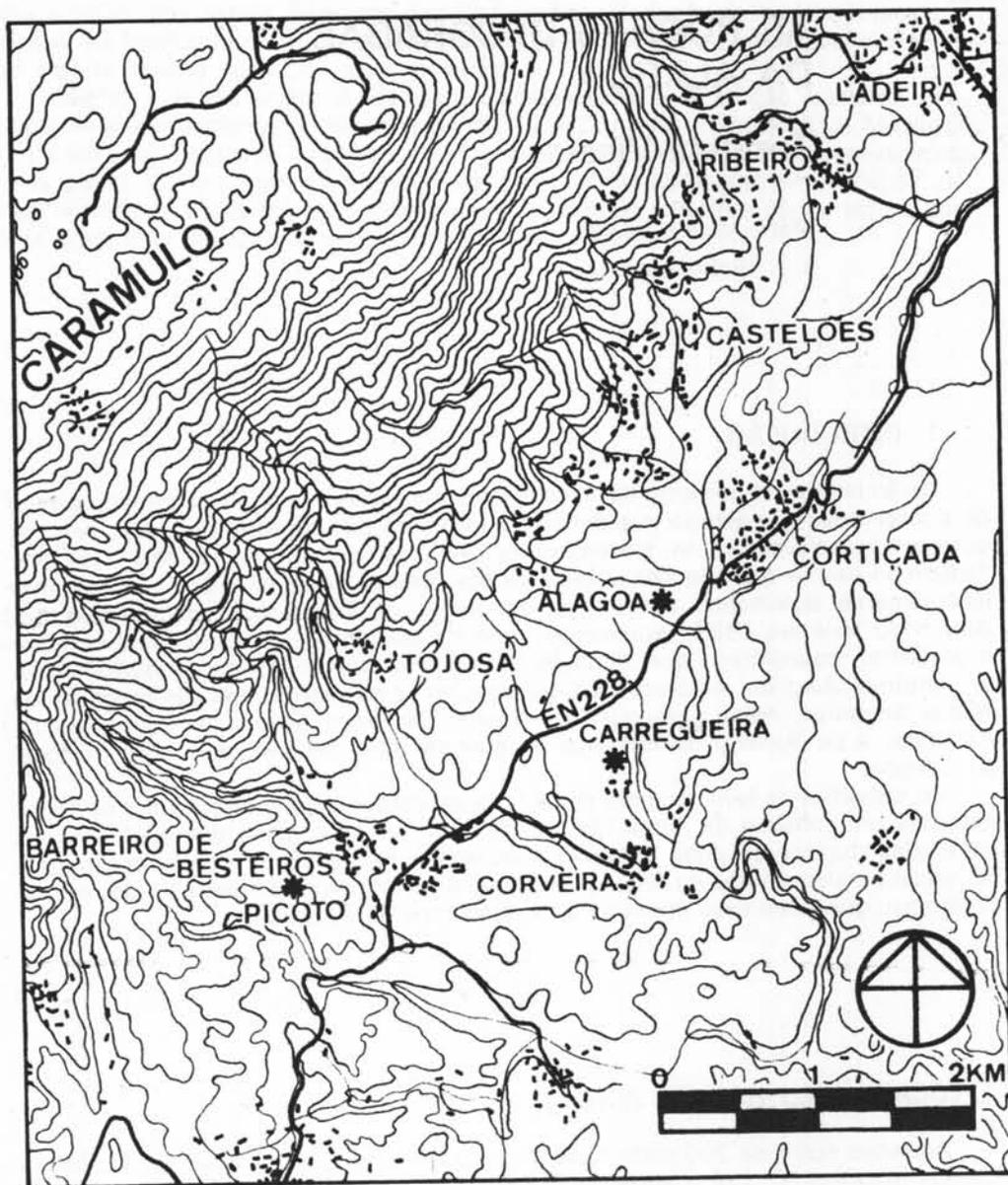


Fig. 1 - Localização das estações de arte rupestre da Alagoa, Carregueira e Picoto.

Est. 1 - A) - Vista de nascente sobre a primeira «plataforma», vendo-se em primeiro plano a rocha 6 e ao fundo, à esquerda, o depósito que cobria a rocha 2 (R. VII / 75-17).

Est. - B) - Vista de conjunto da rocha 6 da Alagoa (R. IV / 75-19).





*Est. II - A) - Estação de arte rupestre da Alagoa: em primeiro plano, a fossa rectangular escavada na rocha, vendo-se, no segundo plano, a rocha 3 (R. V / 75-5).*

*Est. II - B) - Vista sobre a rocha 6, vendo-se em primeiro plano um par de pegadas humanas (R. IV / 75-20).*



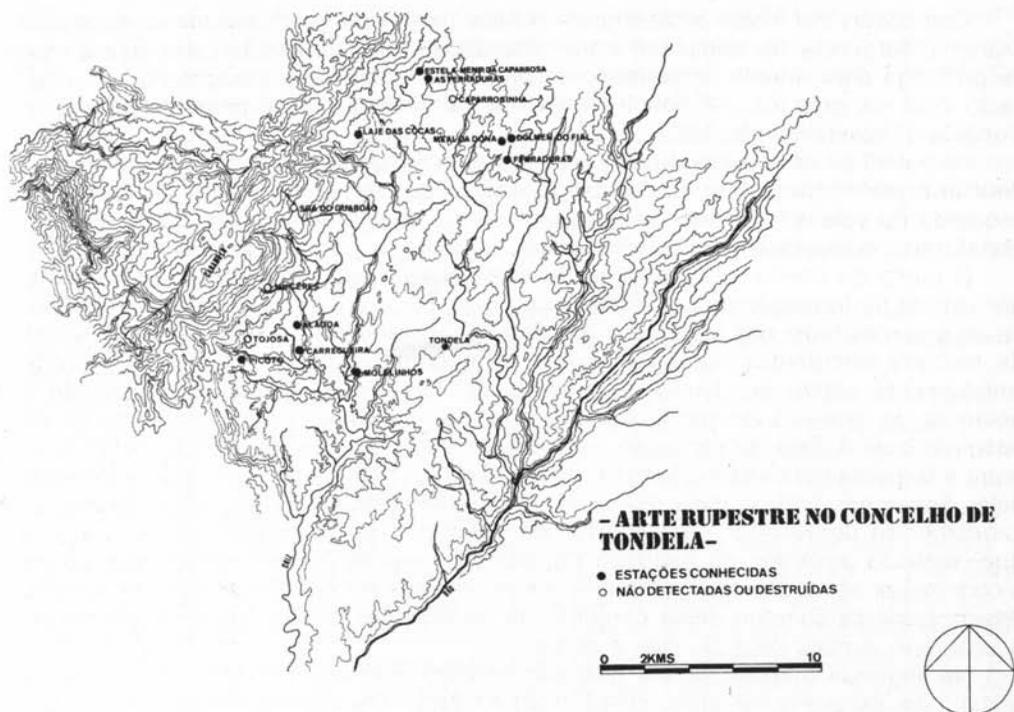


Fig. 2 - Carta das estações de arte rupestre do concelho de Tondela

ao assalto do Caramulo, as rochas decoradas da Alagoa, na margem esquerda de uma «corga» ou modesta linha de água que corre entre as brandas vertentes de pequeno vale.

Localizadas na freguesia de Barreiro de Besteiros, concelho de Tondela e distrito de Viseu, as suas coordenadas geodésicas, referidas a um ponto central da estação, são as seguintes:

40° 31' 22" de latitude norte

8° 9' 30" de longitude oeste de Greenwich

(segundo a Carta Corográfica de Portugal na escala 1/50 000, folha 16-B, Anadia, Instituto Geográfico e Cadastral, 1959).

### 3. DADOS DE CONTEXTO

#### 3.1. Descrição da estação (Ests. I-II)

Aflorando dos sedimentos trazidos pelas enxurradas ou provenientes de escorregamentos de vertente que as soterravam quase por completo, encontram-se as oito rochas decoradas que constituem esta estação. As suas superfícies superiores, horizontais ou sub-horizontais, estão alteradas de castanho-avermelhado e polidas pela abrasão das águas.

Compostas por xistos argilosos, estas lajes pertencem geologicamente à extensa mancha, surgência do complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico das Beiras, que se prolonga para oriente, estreitando-se progressivamente até desaparecer, ao contacto com os granitos, na colina quartzítica da Senhora da Esperança, ao sul de Tondela (Teixeira *et al.*, 1961, 8-13).

Os trabalhos de limpeza do mato rasteiro e de remoção dos depósitos vieram evidenciar o perfil topográfico do substrato xistoso que desce em escada pela vertente esquerda do vale até ao leito do pequeno ribeiro, constituindo assim como que três plataformas compridas e horizontais sobre as quais se abriram as gravuras (Est. I).

O curso do ribeiro, que inicialmente corria mais a sul, deslocou-se ligeiramente, por virtude da formação de um espesso depósito, para o quadrante norte, aproximando-se assim da linha das gravuras e alterando sensivelmente o ambiente. A existência de motivos insculpidos numa rocha que se encontrava coberta por este depósito (infelizmente estéril em termos arqueológicos) demonstra que a sua formação é posterior ao período de execução das gravuras. Teremos assim forçosamente de imaginar que, à data da produção destas gravuras, a espécie de recinto constituído entre a segunda bancada e o leito do ribeiro (Est. I-A) teria sido mais largo e invadido pelas águas nas épocas mais pluviosas, como aliás ainda hoje acontece durante os carreamentos provocados pelas chuvas de Inverno. Aqui se concentram as gravuras que, estando ausentes da segunda plataforma, reaparecem em menor quantidade e com menor apuro técnico na terceira, a mais elevada em relação ao leito da «corga». Assim, pode-se concluir deste conjunto de verificações que as gravuras pertencem a uma época mais seca do que a actual.

Na segunda plataforma, em que não existem gravuras, encontra-se uma fossa rectangular escavada na rocha, cuja função e relação (se alguma tinha) com os conjuntos rupestres nos são desconhecidas (Est. II-A).

### 3.2. Ambiente (figs. 1 e 2)

A «Terra Chã», na expressão dos habitantes do concelho de Oliveira do Hospital, designa a uniforme região que se estende, a uma altitude média de 300 metros, para ocidente do vale do Mondego até às encostas da serra do Caramulo, constituindo extensa superfície granítica aplanada pela erosão intensa dos tempos Secundários e Terciários e rasgada pela densa rede hidrográfica dos rios Criz, Dão e Mondego. Incluída por A. Girão na região mais vasta do Baixo Dão (1933,87), este autor não deixa de assinalar o característico recanto localizado entre os relevos do Caramulo e o encaixado vale do Dão, unidade geográfica conhecida por *Vale de Besteiros*, correspondendo sensivelmente à área do actual concelho de Tondela (a norte confina com os campos de Viseu e para sul desce suavemente até às baixas lacustres de Mortágua). A acreditar em Viterbo, já nos séculos X-XII esta região constituía a *terra de Balestariis* (expressão medieval que designava uma área geográfica que, por vezes, podia corresponder a um domínio senhorial ou clerical), sintoma de lhe ser de antigo reconhecida uma individualidade que ainda hoje a paisagem física e humana conservam (Vasconcellos, 1942, 264).

Coberto actualmente por espessas matas de pinheiros nos solos graníticos e xistosos, produtos das intensas campanhas de florestação das últimas décadas que transformaram a fisionomia das longas extensões planálticas revestidas em tempos de magra vegetação rasteira, o Vale de Besteiros polariza-se principalmente nas zonas encostadas à mole húmida do Caramulo onde as hortas, pomares e vinhedos aproveitam os terrenos irrigados e férteis constituídos pelas aluviões modernas dos rios e pelos depósitos argilo-arcósicos.

A serra, de relevo escalvado e tortuoso, domínio da criação de gado e reserva de forragens nas cumeadas, sente a atracção das terras baixas e ricas do vale na linha de povoações que se derramam pela encosta, exprimindo na paisagem as relações que novos modos de vida impuseram a estas duas regiões.

É no âmbito deste concelho que se conhecem actualmente dez estações de arte rupestre, às quais informações ainda não confirmadas poderão eventualmente adicionar mais quatro (fig. 2). Com base na distribuição geográfica e nos reportórios figurativos podem-se considerar, de momento, dois grupos, classificação empírica e provisória mas que tem a vantagem de proporcionar à investigação uma primeira organização racional e metodológica dos dados.

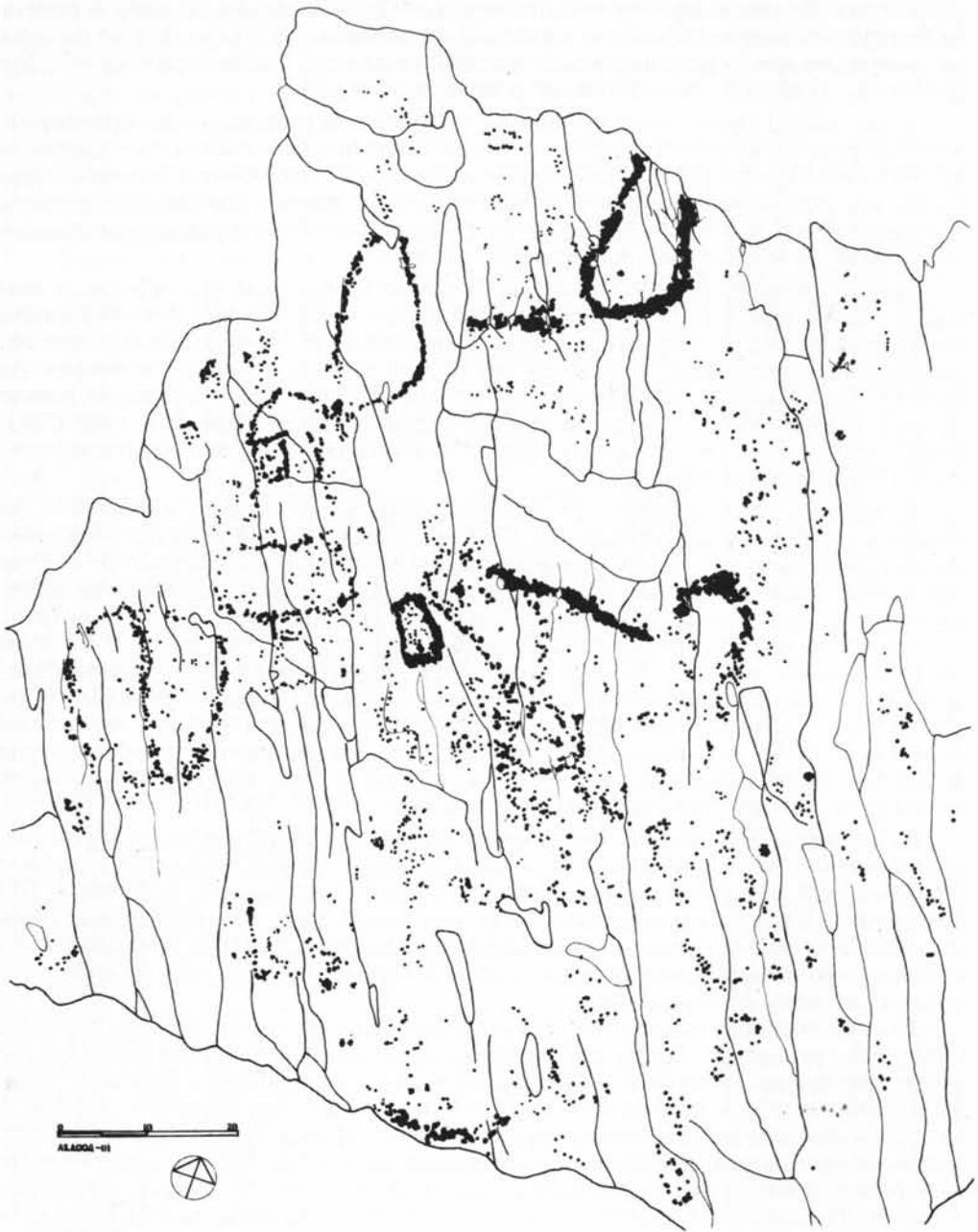
Nos arredores da estação da Alagoa as nossas prospecções revelaram mais dois locais (*Carregueira* e *Picoto*) cujos reportórios figurativos são também constituídos por representações de pegadas humanas, «ferraduras», covinhas e círculos, motivos cuidadosamente gravados a picotado em rochas xistosas situadas na margem de ribeiros. Temos assim, nos afloramentos ante-ordovícicos que, no extremo poente do vale, surgem entre o manto de aluviões modernas depositadas pela rede hidrográfica tributária do Criz, um grupo artístico que apresenta uma elevada homogeneidade técnica e morfológica (Fig. 1).

A nordeste, nos planaltos do concelho, situa-se o segundo aglomerado de estações, formado pelas *Ferraduras de S. Miguel do Outeiro*, *Gândara do Fial*, *Carvalha do Fial* (dolmen decorado) e por aquela a que se refere A. Girão ao afirmar que nas imediações desta última «não há pedra que não esteja siglada, constituindo assim, no conjunto, uma importantíssima estação» (1925, 90), entre as quais se devem provavelmente incluir os dois penedos decorados que identificámos no local do *Meal da Dona*. Sobre suportes de grés e de granito encontram-se conjuntos rupestres gravados a picotado possuindo ainda representações de pegadas humanas e de «ferraduras», a par de reticulados e, principalmente, de «cantinhos», designação com que A. Girão, por associação com o jogo popular do mesmo nome, denomina as figuras de rectângulos ou de quadrados abertos a cheio nas rochas, por vezes providos de um apêndice rectilíneo num dos lados (1925, 88-94).

Além destes dois grupos, são ainda de assinalar mais três estações. Perto dos limites setentrionais do concelho de Tondela, detectámos uma rocha cujo reportório figurativo está limitado a um conjunto de «ferraduras» gravadas a picotado (*As Ferraduras*). Desta zona possuímos ainda uma informação, não confirmada, sobre um outro local com gravuras rupestres (*Caparrosinha*), além da *estela-menir da Caparrosa* que identificámos recentemente e que é objecto de uma nota inserida num outro lugar desta mesma revista.

Na vertente oriental da serra do Caramulo encontra-se um penedo granítico, conhecido por *Laje das Côcas*, que apresenta um conjunto de motivos formados por sulcos abertos por abrasão e dispostos entre pares de covinhas (Tavares e Silva, 1971, 262, fig. 1). A confirmarem-se as informações de que dispomos, relativas à existência de gravuras rupestres nos locais da *Nossa Senhora do Guardão*, de *Múceres* (estas, ao que parece, já destruídas para aproveitamento do penedo para pedra de construção) e da *Tojosa*, ficaria evidenciado o estabelecimento de quatro estações ao longo de uma linha hipsométrica que, de nordeste a sudoeste, se estenderia pela vertente do Caramulo, virada às terras baixas do vale de Besteiros.

Quanto às conhecidas rochas de *Molelinhos* (Cortez, 1955; Anati, 1968, 78), constituem uma estação que coloca problemas de alcance bem diverso. Com efeito, esta estação integra-se num conjunto artístico mais vasto que, reunido em torno do *tema das armas*, conta hoje com os locais de *Ridevides* (Santos Júnior, 1963), *Pedra escrita da Tapada do Cordeiro* (Castro, 1969), *Pedra escrita do poço da moura* (Santos Júnior, 1940, fig. 19 e 1963, 112 e 132), *Sortes* (Alves,



*Fig. 3 - Decalque da rocha 0-1 da Alagoa*



*Fig. 4 - Decalque da rocha 3 da Alagoa*

vol. IX, 1934, 657-659), *Pedra leiteira de Góis* (Nunes et al., 1959), *Pedra Riscada* (Nunes, 1971), *Puerto del Gamo* (Castaño, 1956) *Rozo de Azabal e Hoya de Azabal* (Castaño, 1956, 76 e 82), e *Castillo de Pinofranqueado* (San José, 1976) e cuja distribuição geográfica, no Norte e no Centro de Portugal e na província espanhola de Cáceres, deve certamente mais ao acaso das descobertas do que a uma dispersão real. Em Molelinhos, as sobreposições que tivemos ocasião de observar revelam uma estratigrafia mais ampla do que originalmente se supunha. Uma pegada humana, gravada com uma técnica filiforme, parece ser de incluir nas últimas fases desta estação. Voltaremos a debater estes problemas na monografia que preparamos para as rochas decoradas de Molelinhos. Não é aqui o momento nem o lugar, dado o objectivo confessado deste artigo, de nos alongarmos sobre a articulação ambiental das estações hoje conhecidas no concelho de Tondela, problema complexo que deve aguardar por um maior volume de dados para ser aprofundado. Limitámo-nos, assim, a evidenciar as relações que neste momento podem ser observadas, sem entrarmos na discussão do seu significado.

#### 4. DADOS INTERNOS

##### 4.1. Técnica (figs. 3-4; Est. II)

As oito rochas desta estação, abundantemente decoradas com mais de uma centena de pegadas humanas, representadas em linha de contorno, associadas a «ferraduras», círculos e covinhas, apresentam múltiplos casos de sobreposições (em que intervêm normalmente três ou quatro motivos). Estas figuras foram gravadas através de uma técnica de picotagem que, segundo nos é indicado pela forma dos negativos, recorreu a utensílios líticos terminados em pontas arredondadas (naturais ou afeioadas), provavelmente seixos de quartzo, numerosos nos arredores da estação e mais duros do que o xisto dos suportes (uma vez que a sequência dos levantamentos demonstra que os percutores utilizados não se desgatarem muito durante a gravação). Recolhemos inclusivamente, junto às rochas gravadas, alguns seixos com dois ou três levantamentos que definiram uma ponta fruste e outros com pontas naturais mostrando vestígios de esmagamentos, utensílios que podem ter sido os utilizados na gravação. A regularidade e a profundidade das linhas gravadas, bem como o cuidado posto na execução das formas, indicam a utilização de uma percussão indirecta ou a dois elementos. Em alguns motivos, a gravura, depois de ter sido picotada, foi de novo aprofundada por abrasão, através de um instrumento que funcionou em movimento de vaivém.

Existem pegadas humanas cujos contornos estão definidos por uma linha de negativos finos e pouco profundos, esquema que também se observou em algumas das formas cuidadosamente gravadas e, principalmente, nas figuras inacabadas. Este conjunto de verificações leva-nos a considerar que as pegadas teriam sido previamente *esboçadas* sobre a rocha e só em seguida aprofundadas e definidas por picotagem e mesmo, por vezes, de novo, por abrasão ou ao *polissoir* (cf. figs. 3-4).

##### 4.2. Morfologia (fig. 5)

Submetemos as figuras de pegadas humanas a uma primeira análise morfológica a qual, empregando um número restrito de traços distintivos, permitiu a catalogação das formas em sete grupos. A distribuição das frequências destes grupos nas quatro rochas estudadas é apresentada graficamente na fig. 5.

Para a orientação das formas escolhemos o critério do *eixo de simetria*, colocado na vertical, estando a pegada com o calcanhar para baixo. O comprimento total absoluto ( $h$ ) foi medido sobre este eixo, cuja divisão em três partes iguais determina, uma vez transposta sobre o eixo de simetria, dois pontos por onde se fizeram passar, perpendicularmente, dois eixos de largura ( $l_1$  e  $l_2$ ) os quais, ao cortar o contorno das figuras, segmentaram as formas em três zonas descritivas: *zona anterior*, *zona mesial* e *zona posterior* (cf. fig. 5: forma-tipo A). As relações de simetria entre estas três zonas, o índice dos eixos de largura  $l_1$  e  $l_2$  e as formas dos bordos e dos calcanhares constituem os traços distintivos utilizados na definição deste catálogo de formas (fig. 5).

1. *Grupo A* — pegadas simétricas oblongas com as três zonas simétricas e os bordos mesiais paralelos.
2. *Grupo B* — pegadas simétricas, de tipo circular, com as três zonas simétricas e os bordos mesiais convexos ou em arco de círculo.
3. *Grupo C* — pegadas com a zona anterior assimétrica, sendo as duas restantes simétricas e  $l_1=l_2$  ou  $l_1-l_2 < 0,5 \text{ cm}^2$ ; em relação à forma da zona posterior registaram-se duas variantes morfológicas:
  - 1 — calcanhares de base larga e rectilínea, com a zona posterior subquadrangular;
  - 2 — calcanhares de base convexa, com a zona posterior semi-circular ou semielíptica.
4. *Grupo D* — pegadas com a zona anterior assimétrica e as duas restantes simétricas, sendo  $l_1 > l_2$  ou  $l_1-l_2 > 0,5 \text{ cm}^2$ , o que corresponde

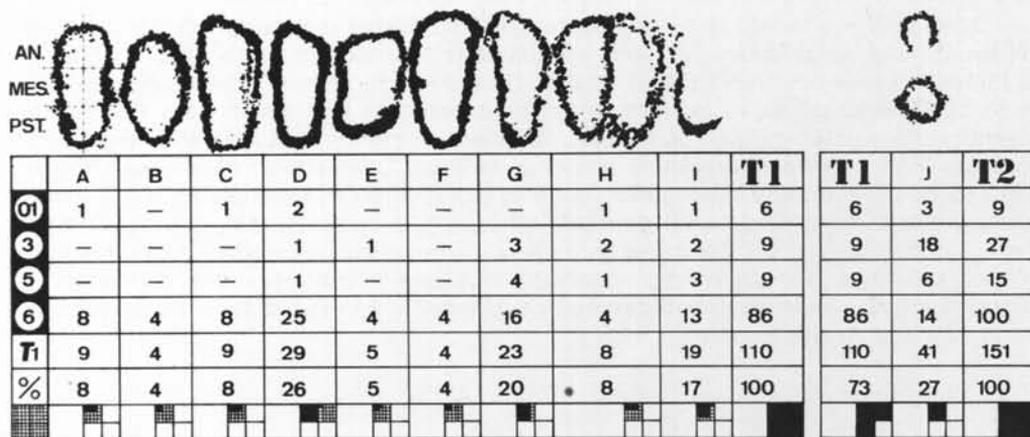


Fig. 5 - Catálogo das formas de pegadas humanas da Alagoa e distribuição dos grupos morfológicos

no real a uma tendência das formas a tornarem-se mais estreitas para o terço inferior; também aqui se registaram duas variantes morfológicas:

- 1 — pegadas com os bordos interno e externo das zonas mesial e posterior rectilíneos e ligeiramente inclinados para o interior, associando-se normalmente a zonas posteriores subquadrangulares com calcanhares de base larga e rectilínea;
  - 2 — pegadas com o bordo externo das zonas mesial e posterior denotando uma tendência a tornarem-se convexas, enquanto o bordo interno se mantém rectilíneo; associam-se normalmente a zonas posteriores semicirculares ou semielípticas com calcanhares de base convexa.
5. *Grupo E* — pegadas com as zonas posterior e anterior assimétricas, sendo a mesial simétrica e  $l_1=l_2$  ou  $l_1-l_2 < 0,5 \text{ cm}^2$ .
6. *Grupo F* — pegadas com as zonas posterior e anterior assimétricas, sendo a mesial simétrica e  $l_1 > l_2$  ou  $l_1-l_2 > 0,5 \text{ cm}^2$ , o que corresponde no real a uma tendência das formas a tornarem-se mais estreitas para o terço inferior.
7. *Grupo G* — pegadas com as três zonas assimétricas.

Os grupos H e I aglomeram os pares de pegadas (considerados na contagem como uma única figura) e as representações incompletas.

No grupo J concentrámos, para efeitos de comparação das frequências de distribuição com as figuras de pegadas humanas, os outros tipos morfológicos (círculos, «ferraduras» e covinhas).

As médias totais dos três eixos considerados, relativas a todas as figuras completas de podomorfos, são as seguintes:  $h$ : 21,3 cm;  $l_1$ : 9,8 cm;  $l_2$ : 8,8 cm.

Desta primeira tentativa de análise ressalta, conforme o catálogo de formas nos evidência, a conclusão de que uma variabilidade morfológica acentuada subordina as representações podomórficas da estação da Alagoa, facto que merece ser aprofundado através da aplicação de métodos mais complexos que visem uma verdadeira classificação tipológica destas figuras rupestres. Veremos mais adiante que esta tipologia não oferece apenas um interesse teórico. Com efeito, esta variabilidade situa-se, nos sete grupos catalogados, entre as representações naturalistas, isto é, entre aquelas que mais se aproximam do modelo humano, e as estilizadas, que se afastam deste modelo (cf. fig. 5). Por outro lado, deve-se notar que as médias totais indicam valores próximos dos da média observada nos pés humanos. Estes paralelismos sugerem, como veremos, interpretações de elevado interesse para a compreensão do significado destas figuras.

---

<sup>2</sup> Tolerâncias significativas, determinadas por diagrama estatístico e correspondendo no real a formas diferentes.



*Est. III - A) - Rocha 1 da Alagoa: pormenor (R. V / 75-17).*

*Est. III - B) - Rocha 6 da Alagoa: pormenor, observando-se as sobreposições centrais (R. III / 75-2).*



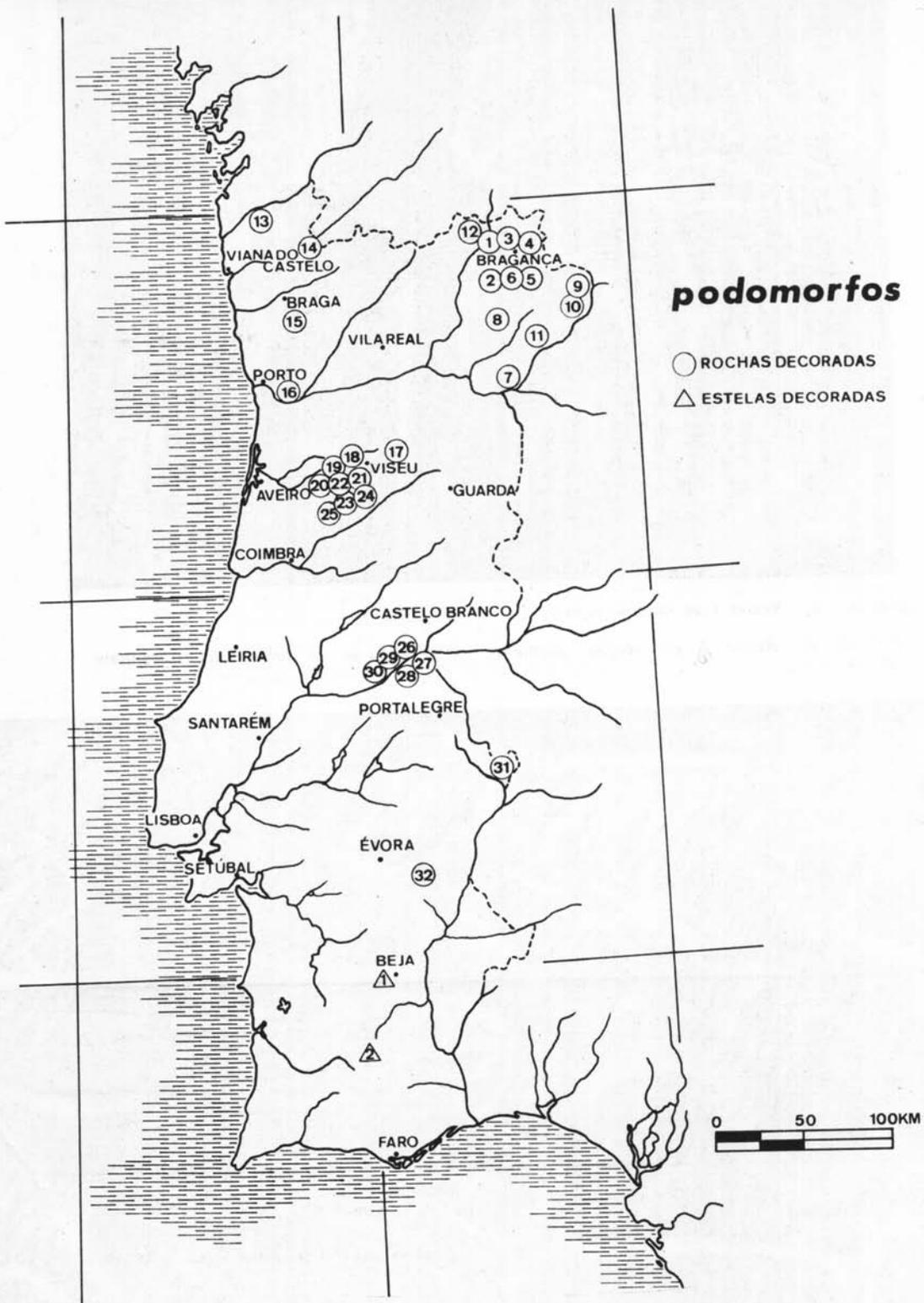


Fig. 6 - Distribuição dos podomorfos em Portugal:

1. Poço do Seixo (Vale de Lamas, Bragança)
  2. Pegada da Senhora (Cabeça Boa, Bragança)
  3. Pegada da Senhora (Samil, Bragança)
  4. Poço da patada do mouro (Meixedo, Bragança)
  5. Fraga das ferraduras (Paradinha Nova, Bragança)
  6. Pegada da Senhora (Cabeço do Carocado ou Carrocedo, Bragança)
  7. Pegada (Fornos, Freixo-de-Espada-à-Cinta, Bragança)
  8. Pegada (Santa Corubina, Macedo de Cavaleiros, Bragança)
  9. Pegadas da Rodela (Ifanes, Miranda do Douro, Bragança)
  10. Pegadas da Nossa Senhora (Aldeia Nova, Miranda do Douro, Bragança)
  11. Fraga da moura (Mogadouro, Bragança)
  12. Fraga das patinhas da burrinha da N.ª S.ª (Travanca, Vinhais, Bragança)
  13. Pegadinhas de S. Tiago (Marção, Viana do Castelo)
  14. Penedo de Santa Eugénia (Covide, Terras de Bouro, V. do Castelo)
  15. Citania de Briteiros (Briteiros, Guimarães, Braga)
  16. Pegadinhas de S. Gonçalo (Luzim, Penafiel, Porto)
  17. Assento de Nossa Senhora (Trancoselos, Penalva do Castelo, Viseu)
  18. Rasto dos mouros (Sejães, Oliveira de Frades, Viseu)
  19. Outeiro dos Mouros (Antelas, Oliveira de Frades, Viseu)
  20. Pedra das ferraduras pintadas (Benfeitais, Oliveira de Frades, Viseu)
  21. Ferraduras de S. Miguel do Outeiro (Tondela, Viseu)
  22. Pedras da Carvalheira ou de Molelinhos (Molelos, Tondela, Viseu)
  23. Pegadas da Nossa Senhora - Alagoa (Barreiro de Besteiros, Tondela, Viseu)
  24. Pegadas da Carregueira (Barreiro de Besteiros, Tondela, Viseu)
  25. Rasto dos mouros - Picoto (Barreiro de Besteiros, Tondela, Viseu)
  26. S. Simão (Montalvão, Nisa, Portalegre)
  27. Cachão do Algarve (Perais, V.ª V.ª Ródão, Castelo Branco)
  28. Fratel (V.ª V.ª Ródão, C. Branco)
  29. Gardete (Fratel, V.ª V.ª Ródão, C. Branco)
  30. Ocreza (Mação, Santarém)
  31. Pegadas da Senhora da Enxara (Ouguela, Campo Maior, Portalegre)
  32. Herdade da Capela (Reguengos, Évora)
1. Estela de Ervidel I (Ervidel, Aljustrel, Beja)
  2. Estela de Gomes Aires (Gomes Aires, Almodovar, Beja)



centro de estudos de arte pré-histórica

Fig. 7 - Cachão do Algarve, rocha 61: podomorfo sobrepondo uma figura de veado de uma das fases precedentes (Complexo do Tejo, Castelo Branco)

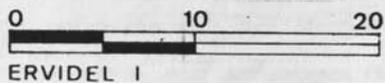
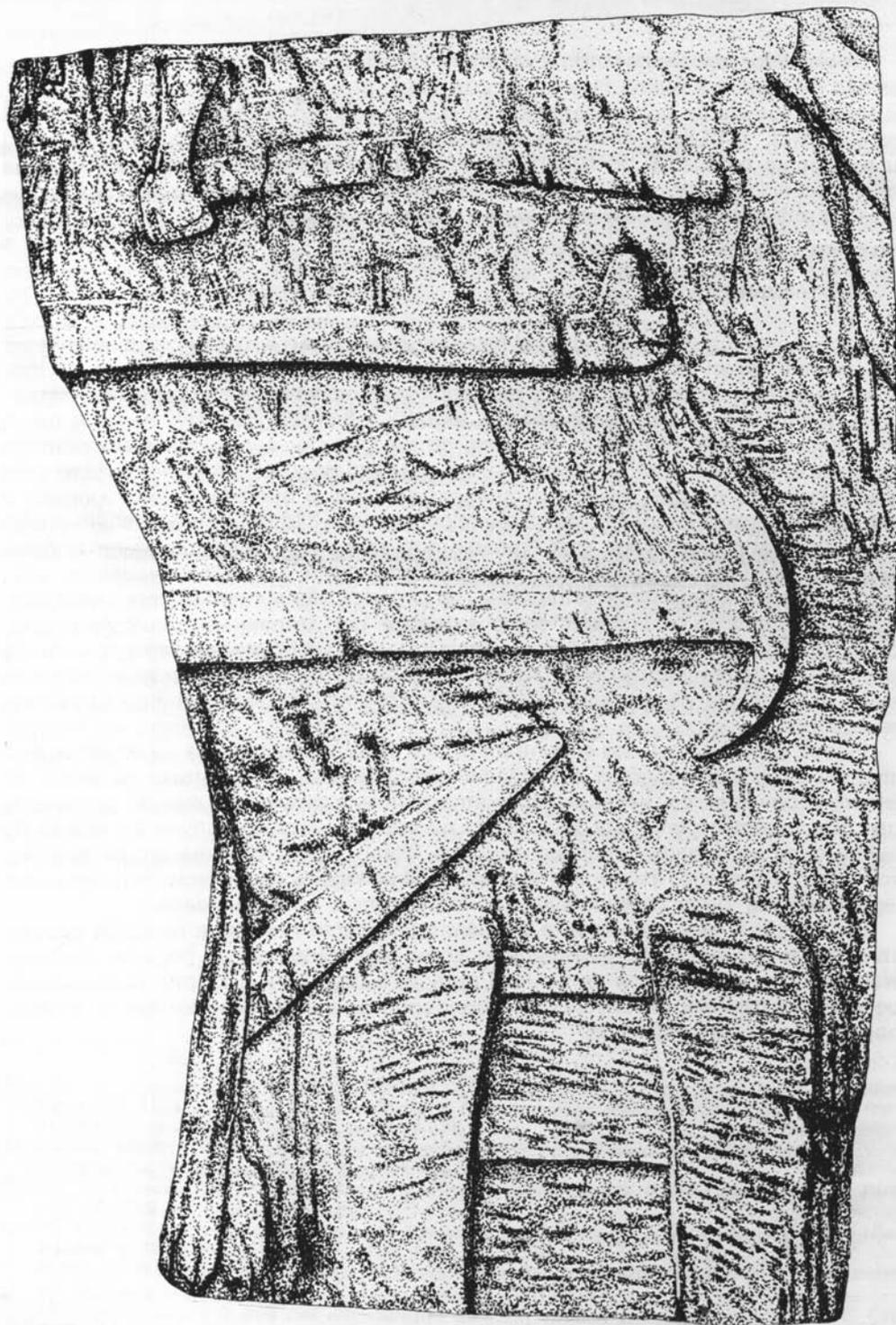
## 5. PLOBLEMÁTICA

### 5.1. Cronologia (figs. 6-8)

Em Portugal, não são conhecidos actualmente, que saibamos, outros conjuntos figurativos com as propriedades formais dos da Alagoa (rochas cobertas por várias dezenas de podomorfos figurados em linha de contorno e densamente sobrepostos). O que é frequente, muito pelo contrário, a norte do Tejo, são as estações com três ou quatro pegadas, em média, por vezes acompanhadas de covinhas (veja-se sobretudo: Aguiar e Santos Júnior, 1940; Santos Júnior, 1940 e Alves, 1934). A sul deste rio, além de algumas destas figuras dispersas pelas estações do Complexo de Arte Rupestre do Tejo (fig. 7), são apenas conhecidas as rochas da Herdade da Capela, erradamente interpretadas como suportando pegadas de animais (Gonçalves, 1972, 491-492, figs. 2-3) e uma referência antiga às «pegadas da Nossa Senhora da Enxara», em Ouguela (Vasconcellos, 1916,191) (cf. fig. 6). Na Galiza esta temática é extremamente rara, tendo apenas sido assinalada em Fregoselo (Monteagudo, 1943) e na Citânia de Santa Tecla (Mergelina, 1943-44; Lorenzo-Ruza, 1947).

Na Europa, no grupo de arte rupestre Alpino (Mont Bego e Valcamonica) e, sobretudo, no da Escandinávia, podemos encontrar conjuntos apresentando características formais semelhantes às observadas nas rochas da Alagoa, sendo atribuídos pelos autores à Idade do Bronze e à do Ferro (Anati, 1964 e 1975; Bicknell, 1972; Glob, 1969; Burenhult, 1973; Marstrander, 1963; Larsen, 1972). Estes paralelos não pretendem, evidentemente, fundamentar relações históricas ou culturais, sublinhando apenas a existência de um modelo conceptual que conduziu em vários locais à produção de fases artísticas formalmente semelhantes, provavelmente durante episódios ideológicos comuns. A explicação deste fenómeno deve, portanto, ser procurada, não no domínio da história, mas antes no do funcionamento dos sistemas lógico-formais que integram as simetrias culturais e socio-económicas das sociedades.

Além das representações cavadas na rocha, conhecem-se também na Península Ibérica pegadas em linha de contorno picotada. Sem constituírem, contudo, composições do tipo das que foram figuradas na Alagoa e muito menos frequentes do que as anteriores, elas aparecem, sobrepondo as gravuras mais antigas, em Molelinhos e na Arte do Tejo (fig. 7), pertencendo nitidamente às fases finais destas estações que, no Tejo, de acordo com a desenvolvida sequência estilística observada, podem ser colocadas no Bronze Final-Ferro. Conhecemos também este tipo de podomorfos na Citânia de Briteiros, ainda inéditos, gravados a picotado sobre um afloramento granítico situado no topo do povoado, perto das casas da Idade do Ferro reconstruídas por Martins Sarmiento. É, portanto, pela segunda vez (já atrás nos referimos à Citânia de Santa Tecla) que as pegadas humanas são assinaladas no ambiente de povoados fortificados da Idade do Ferro do Noroeste. Possuímos hoje dois elementos que nos oferecem paralelos mais seguros para a cronologia destes motivos rupestres. Foi recentemente descoberta, ao norte da província espanhola de Cáceres, em Castillo de Pinofranqueado, uma importante estação na qual este tipo de representações podomórficas foram gravadas em linha de contorno *depois* das figuras de espadas de de lâmina larga e encabamento rebitado do Bronze Final, datáveis classicamente de 1200-800/700 a.C. (San José, 1976). Por outro lado, no grupo de estelas decoradas do Sudoeste Peninsular, as lajes de tipo alentejano de Gomes Aires e de Ervidel I apresentam a nítida representação de um par de pegadas humanas esculpidas em relevo (Almagro, 1966, 120, fig. 41; Coelho, 1975, 197). Apenas na estela de Ervidel I esta figura está associada a elementos datáveis, o tipo tardio de machado de encabamento vertical, figurado sobre a extremidade direita desta estela, conferindo-lhe uma datação no séc. X ou nos princípios do IX a.C. (Gomes e Monteiro, no prelo) (fig. 8).



*Fig. 8 - Decalque da estela de Ervidel I*

Os paralelos que temos vindo a valorizar indicam que as figuras de pegadas humanas são de atribuir à última fase do Bronze Final prosseguindo pela Idade do Ferro. As lápides votivas de Itálica, actualmente conservadas no Museu de Sevilha e datadas dos sécs. II-III d.C., decoradas com pegadas humanas gravadas no contorno ou totalmente escavadas no suporte, dedicadas a divindades pelo sucesso de uma peregrinação (Chicarro, 1950, 619-634), sugerem que esta tradição artística e religiosa irá sobreviver e adaptar-se durante o período Romano.

## 5.2. Interpretação

Verificámos durante o estudo das técnicas de gravação a existência de elementos que indicam terem os podomorfos sido previamente esboçados sobre as rochas. Se associarmos este facto aos dados respeitantes à variabilidade morfológica e dimensional das figuras de pegadas humanas, ressalta a hipótese de estes motivos terem tido como modelo o próprio pé humano, nu ou calçado, cuja planta seria primeiro esboçada através de uma picotagem suave para em seguida ser definida com uma técnica indirecta de que resultaram imagens precisas e cuidadas. Uma tipologia e comparações arqueométricas com os modelos humanos são de desenvolver em ordem a se poder testar e controlar esta hipótese que abre assim perspectivas de extremo interesse à investigação da função e do significado destas gravuras rupestres.

Com efeito, e segundo esta hipótese, as pegadas não surgem já como uma abstracção da forma do pé humano, como *a pegada*, mas tornam-se num tema específico e «personalizado», *uma pegada*, manifestação simbólica da *presença* ou da *passagem* de determinados personagens, a composição e as sobreposições podendo revelar a existência de um «movimento» ou expressão de uma conduta ritualizada fixada sobre as rochas.

Parece, portanto, que nos encontramos face ao *tema da presença ou da passagem*, categoria simbólica integrada e pensada estruturalmente no contexto de *mitos de viagem*, conhecidos em várias religiões etnográficas e mesmo no mundo profano de hoje. Este fenómeno encontra-se também na base das lapides votivas do Museu de Sevilha onde as pegadas, motivos oriundos, como vimos, de uma ampla tradição, simbolizam a presença-passagem de certos personagens que, tendo realizado uma viagem sagrada (uma peregrinação), as dedicaram a uma divindade.

Em relação a este problema, é também interessante notar que na lenda popular estas rochas gravadas são consideradas como representando as pegadas deixadas pela passagem da Virgem e de S. José durante a fuga para o Egipto, cristianização que deve certamente ter absorvido, escondendo-as e modificando-lhes o sentido, antigas crenças pré-históricas.

## Resumé

Les auteurs présentent une nouvelle station d'art rupestre qui ont découvert dans le département de Viseu, au centre du Portugal.

Après avoir étudié l'environnement de la station et l'art rupestre aujourd'hui connue dans l'arrondissement de Tondela, les données internes sont analysées.

Les huit roches de cette station ont été gravées avec plus d'une centaine d'empreintes humaines, représentées par le contour, associées à des «fers à cheval», des cercles et des fossettes et présentant plusieurs cas de superpositions. L'observation de la technique a conduit à la conclusion que les empreintes humaines étaient préalablement esquissées sur la roche, étant ensuite approfondies au picotage et même, parfois, de nouveau au polissoir.

D'une première démarche analytique se dégage une frappante variabilité morphologique qui se situe, chez les 7 groupes d'empreintes catalogués, entre les figurations naturalistes, c'est-à-dire, celles qui reproduisent le mieux le modèle humain, et les stylisées, qui s'éloignent de ce modèle.

Après avoir étudiée la distribution des figures d'empreintes humaines au Portugal et en Galicie et d'avoir cherché des parallèles en Europe, les auteurs mettent en valeur le site de Castillo de Pinofranqueado (où ce type de représentations superpose des épées du Bronze Final) et la dalle sculptée d'Ervidel I qui porte une paire d'empreintes humaines associée à un type tardif de hache à emmanchement vertical, datable du X<sup>e</sup> ou du début du IX<sup>e</sup> siècle a.C. Ainsi, d'après ces parallèles, ils arrivent à définir une chronologie dans la dernière phase du Bronze Final, les représentations se poursuivant pendant l'Âge du Fer, constituant une tradition artistique et religieuse qui va probablement survivre et s'adapter pendant la période Romaine, tel que est suggéré par les dalles votives avec des inscriptions de Italica, du II-III siècle A.D., actuellement au Musée de Seville.

En ce qui concerne l'interprétation des figures d'empreintes humaines, les auteurs, d'après les données techniques et morphologiques mises en évidence par l'analyse, proposent l'hypothèse que ces figures sont la manifestation symbolique de la présence ou du passage de certains personnages, catégorie intégrée et pensée structurellement au contexte de mythes de voyage.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, J. Monteiro de e SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1940 — O menhir de Luzim (Penafiel), *Cong. do Mundo Português — Memórias e Comunicações apresentadas ao Cong. de Pré e Proto-História (I Cong.)*, vol. I, pp. 329-376.
- ALMAGRO, Martín, 1966 — *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Biblioteca Praehistorica Hispana, vol. VIII, Madrid, 215 pp., 81 figs., 1 Est.
- ALVES, F. Manuel, 1934 — *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Porto, vol. IX, 718 pp., vol. X, 845 pp.
- ANATI, E., 1964 — *Civiltà preistorica della Valcamonica*, Col. Uomo e Mito, vol. 42, Milão (Casa Editrice Il Saggiatore), 299 pp., 158 figs., 74 fotos.
- 1968 — *Arte rupestre nelle regioni occidentali della Penisola Iberica*, Archivi di Arte Preistorica, vol. 2, Capo di Ponte (Ed. del Centro), 140 pp., 143 ils.
- 1975 — *Evoluzione e stile nell'arte rupestre Camuna*, Archivi di Arte Preistorica, vol. 6, Capo di Ponte (Ed. del Centro), 174 pp., 139 figs.
- BICKNELL, C., 1972 — *Guida delle incisioni rupestri preistoriche nelle Alpi Marittime Italiani*, 2.<sup>a</sup> edição, Bordighera (Ist. di Studi Liguri), 138 pp., XLVI Ests.
- BURENHULT, G., 1973 — The rock-carving of Gotaland, part II, *Acta Archaeologica Lundensia*, n.º 8, Lund, 175 pp.

- CASTAÑO, M. Sayans, 1956 — El petroglifo del Puerto del Gamu, *Alcantara*, XIII, pp. 63-84.
- CASTRO, L. de Albuquerque e, 1970 — A pedra escrita da Tapada do Cordeiro, *Actas das I Jornadas Arq. da As. Arq. Port. (Lisboa, 1969)*, vol. I, pp. 291-296.
- parejas de pies del Museo Arqueológico Provincial de Sevilla, *Rev. de Archivos, Bibliotecas y Museos*, vol. LVI, pp. 617-635.
- COELHO, L., 1975 — Nueva estela insculturada proveniente del Baixo Alentejo (Ervidel, Portugal), *Trabajos de Prehistoria*, vol. 32 (nueva serie), pp. 195-197.
- CORTEZ, F. Russell, 1955 — Contribución al estudio de la protohistoria de los «lusitani» (entre el Duero y el Tajo), *Arch. Esp. de Arqueología*, XXVIII, pp. 90-101.
- GIRÃO, A. de Amorim, 1925 — Arte rupestre em Portugal (Beira Alta), *Biblos*, vol. I, n.º 3, pp. 81-95.
- 1933 — *Esboço duma carta regional de Portugal*, 2.ª edição, Coimbra (Imprensa da Universidade), XI + 224 pp., 6 cartas.
- GLOB, P. V., 1969 — *Helleristninger i Danmark*, Jutland Arch. Society Publications, vol. VII, Copenhagen, 332 pp., 240 figs.
- GOMES, M. Varela e MONTEIRO, J. Pinho (no prelo) — As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel — Beja) — estudo comparado, *Setúbal Arqueológica*, vol. II.
- GONÇALVES, J. Pires, 1972 — Arte rupestre em Monsaraz, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. V, pp. 489-502.
- LARSEN, Gro Mandt, 1972 — *Bergbilder i Hordaland — en undersøkelse av bildens sammensetning deres naturmiljø og kulturmiljø*, Arbok for Universitetet Ibergen-Humanistik serie, n.º 2, Bergen-Oslo (Norwegian Universities Press), 158 pp., 10 figs., 73 Ests., 5 cartas.
- LOPO, A. P., 1902 — O Alto do Carocado ou Carrocedo, *O Archeologo Português*, vol. VII, fascs. 2-3, pp. 70-74.
- 1910 — Notícias archeologicas e lendárias das margens do Sabor, *O Archeologo Português*, vol. XV, pp. 318-321.
- LORENZO-RUZA, R. Sobrino, 1947 — Los signos podomorfos del petroglifo de Santa Tecla y los del mismo tipo conocidos hasta la fecha en Europa, *Museo de Pontevedra*, entrega 15, pp. 131-134.
- MARSTRANDER, Sverre, 1963 — *Ostfolds jordbruksristninger Skjeberg*, Oslo (Instituttet for Sammenlignende Kultur-Forskning), 2 vols., 481 pp., 94 figs., 65 Ests.
- MERGELINA, C. de, 1943-44 — La Citania de Santa Tecla, La Guardia, Pontevedra, *Bol. Sem. Arte y Arqueología de Valladolid*, vol. XI.
- MONTEAGUDO, L., 1943 — Petroglifo de Fregoselo (Vigo-Corujo), *Arch. Esp. de Arqueología*, n.º 52, pp. 323-327.
- NUNES, J. de Castro, PEREIRA, A. Nunes e BARROS, A. Melão, 1959 — A Pedra Letreira, *Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis*, vol. I, 36 pp.
- NUNES, J. de Castro, 1971 — A Pedra Riscada, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, vol. II, pp. 622-623.
- SAN JOSÉ, M. del Carmen Sevillano, 1976 — Un petroglifo con inscripción en la comarca de las Hurdes (Cáceres), *Zephyrus*, vols. XXVI-XXVII, pp. 269-290.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1940 — Arte Rupestre, *Cong. do Mundo Português — Mem. e Com. apresentadas ao Cong. de Pré e Proto-Hist. (I Cong.)*, vol. I, pp. 329-376.
- 1942 — Gravuras rupestres de Lomar (Penafiel), *Relatório da Câmara Municipal de Penafiel*, pp. 323-327.
- 1963 — As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilariça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIX, fasc. 2, pp. 111-144.
- TAVARES, A. Augusto e SILVA, C. Tavares da, 1971 — Gravuras e inscrições rupestres da região de Viseu, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, vol. I, pp. 261-270.
- TEIXEIRA, C., CARVALHO, L. H. Brito de, BARROS, R. F. de, MARTINS, J. A., HAAS, W. E. L., PILAR, L. e ROCHA, A. T., 1961 — *Notícia explicativa da folha 17-C, Santa Comba Dão, da Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 31 pp.
- VASCONCELLOS, J. Leite de, 1916 — Entre Tejo e Odiana, *O Archeologo Português*, vol. XXI, pp. 152-195.
- 1942 — *Etnografia Portuguesa — tentame de sistematização*, vol. III, Lisboa (Imp. Nacional de Lisboa), VIII + 796 pp., 184 figs.